
“DE PARTO SEM DOR A POUSO NA LUA” – NILDA ALVES, UMA TRAJETÓRIA ACADÊMICA

É com alegria e orgulho que a editoria da Revista Teias anuncia o lançamento deste número especial, dedicado à obra da professora Nilda Alves, única pesquisadora 1A do CNPq neste Programa de Pós-graduação, também o único Programa 7 na Capes da Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Mas não apenas por isso, Nilda Alves merece essa justa homenagem que o Proped lhe faz, por meio desta Revista, com a qual ela sempre colaborou, lutando pela sua criação e manutenção. A própria possibilidade de fazer este número com textos, abordando temas tão diversos quanto necessários, reside na imensa riqueza do trabalho de pesquisa desenvolvido por Nilda ao longo dos últimos trinta anos, sempre publicizado por meio de textos, palestras e conferências, com os quais os diferentes autores dialogam nos artigos, entrevistas e resenhas aqui publicados.

Mesmo antes de iniciar seu trabalho na Universidade, ainda como professora da educação básica, Nilda destacou-se no campo da supervisão escolar, tendo publicado suas primeiras obras com essa temática. Já na Universidade, dedicou-se intensamente aos debates em torno da formação docente – fazendo-se presente quando da criação da Associação Nacional de Formação de Professores (Anfope), que presidiu no início dos anos 1980. Entendendo-a desde sempre como campo rico e complexo, sentiu como uma exigência mergulhar mais profundamente em teorias sociais, políticas e curriculares para pensá-la e nela atuar. Sem jamais se contentar com o “já sabido”, aceitou sempre o desafio de criar conhecimentos úteis às causas que se dedicava, tanto acadêmicas quanto políticas, se é que podemos separar umas das outras, coisa em que ela não acredita. Assim, desenvolveu reflexões em torno da formação docente buscando superar tecnicismos vários que a habitavam, pensando e propondo novas compreensões do que poderiam ser seus objetivos e, portanto, seus currículos. Ousadia e criatividade intelectual e política levaram-na a assumir uma destacada atuação no processo de elaboração do inovador currículo do curso de Pedagogia que a UFF e a Prefeitura de Angra dos Reis implantaram a partir de 1992 no município, que lhe valeram, em 2001, a Medalha de Mérito Educativo no grau de Comendador, recebida do MEC, ainda no governo do presidente Fernando Henrique Cardoso.

Em sua trajetória, Nilda teceu pesquisas e redes de conhecimentos, formou professores, mestres e doutores, desenvolveu seu trabalho por meio de uma atuação ampla como professora na graduação e na pós-graduação; como pesquisadora e autora de textos que, como ela mesma gosta de

reafirmar, são uma das dimensões de suas obrigações de pesquisadora: a de devolver à sociedade resultados dos investimentos feitos com verba pública nas pesquisas que faz. Além disso, Nilda é uma militante da causa da educação – como ação e como campo de pesquisa –, dispondo-se, sempre que possível, a assumir funções político-acadêmicas nas instituições em que atuou e atua e a ministrar palestras e conferências nos mais diversos cantos do Brasil, muitas vezes em circunstâncias difíceis!

No campo de sua atuação político-acadêmica, podemos destacar sua atuação como presidente da Anfope (1981-1982) e da Anped (2000-2004), assim como da Associação de Docentes da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (Asduerj – 2005-2007), testemunho vivo da indissociabilidade que percebe entre os campos político e acadêmico. Suas pesquisas são, também, testemunho dessa crença na indissociabilidade desses campos e de outros, que compreende hoje como partes (fios) de redes educativas que envolvem múltiplos *espaçostempos* de *aprenderensinar* nos quais estamos todos mergulhados e que, portanto, envolvem nossa formação, reflexões e pesquisas. Mesmo o neologismo de juntar palavras aqui utilizado foi criado por ela!

O título deste editorial, “De parto sem dor a pouso na lua”, refere-se, precisamente, a esse amplo espectro de atuação de Nilda Alves. A pluralidade de campos em que atua e atuou historicamente, na e pela educação brasileira, é tão rico e vasto que causou em uma colega a sensação de que ela seria capaz de orientar estudantes com temas que iriam desde um ao outro polo da expressão. Pode ser que seja exagero, mas talvez nem tanto, se consideramos tudo aquilo que ela vem fazendo, sempre com a mesma dedicação, seriedade e competência, sem falar na generosidade com que caracteriza suas relações com colegas e estudantes.

Mas que a amplitude não nos distraia! Ela tem sua afiliação clara e assumida quando se trata de identificar seu campo privilegiado de estudos. Nilda se assume “curriculeira”, expressão que ela mesma criou para se referir aos curriculistas brasileiros. Foi coordenadora do GT Currículo da Anped entre 1996 e 1998 e é, atualmente, a presidenta da recém-criada Associação Brasileira de Currículo (ABdC). Seus estudos nesse campo do conhecimento testemunham a criatividade intelectual e a profundidade das reflexões teóricas, políticas e metodológicas que desenvolve, assim como sua concepção ampliada dos fatores intervenientes na criação, gestão e normatização curriculares. Nilda entende o currículo como um campo amplo e é nessa perspectiva que nele vem inscrevendo suas pesquisas a respeito das tecnologias, das imagens, das discriminações raciais, religiosas e de gênero, da formação docente e da avaliação, das metodologias de pesquisa e das narrativas como modo de expressão de conhecimentos.

Para dar conta de tantos e tão diferentes temas, sem fragmentá-los ou autonomizá-los em relação aos outros, Nilda – com a contribuição de muitos outros pesquisadores – também atuou no desenvolvimento de uma metodologia de pesquisa: a pesquisa nos/dos/com os cotidianos das escolas. Essa metodologia nasceu na UFF, nos grupos que ela e Regina Leite Garcia coordenavam. Não nasceu de geração espontânea, como ato inaugural – pois nisso ela não acredita – mas como fruto de pesquisas, reflexões e diálogos múltiplos, e vem se espalhando, inclusive fora do país, como relevante inovação metodológica para pensar a pesquisa em educação, e no campo do currículo, especialmente.

Buscando fazer jus à riqueza e relevância dessa atuação acadêmica de Nilda, a Revista Teias convidou colegas de diferentes universidades e áreas de pesquisa, solicitando a cada um que tratassem de temas que lhes são caros por meio de um diálogo com a obra de Nilda em cada um desses campos. Agradecemos aqui aos que aceitaram o desafio e colaboraram com este número especial de Teias. Com particular ênfase, agradeço a Maja Vargas, cuja difícil tarefa de produzir um ensaio sobre um campo muito especial da atuação de Nilda – o da maternidade – foi aceita e completada com maestria. Os *flashes* da relação mãe-filha, e de Nilda segundo seu olhar, com os quais ela nos brinda, são preciosos!

Além de Maja e seu ensaio, outra tarefa que parecia árdua e de difícil execução era a de resenhar as coleções que ela coordenou. Foram trinta livros da coleção “O Sentido da Escola” que idealizou e coordenou, com sua sempre amiga e parceira Regina Leite Garcia, publicada pela DP&A Editora. Coube à Cortez Editora publicar a série de oito livros “Cultura, memória e currículo”, que coordenou sozinha. O primeiro assemelhava-se a um trabalho hercúleo, e só podia ser feito por alguém envolvido com Nilda e com a coleção. Coube ao colega e amigo Paulo Sgarbi a difícil tarefa, cujo feliz resultado “Os muitos sentidos do *Sentido da Escola*” consta deste número da Revista. Agradeço a Maria Luiza Sússekind a disposição e dedicação com as quais dedicou-se à segunda, produzindo seu “Instantâneo de debates no campo do currículo na virada do século: a série *Cultura, memória e currículo*”.

De Regina Leite Garcia precisávamos, por toda a sua trajetória de amizade e parceria com Nilda. Optamos por solicitar à colega Carmen Lucia Vidal Perez que a entrevistasse, deixando-a à vontade para nos trazer aquilo que lhe parecesse mais relevante e significativo para integrar uma homenagem acadêmica, e ela definiu-se por “Nilda Alves: esta personagem”, deixando claro, já no título a adesão de ambas – Carmen e Regina – à ideia tão cara à Nilda de que a noção de conversas contempla melhor aquilo que fazemos quando buscamos escutar nossos interlocutores e com eles interagir, do que a noção de entrevista. É também por meio de uma entrevista/conversa que nossos

amigos e parceiros franceses – Stéphanie Gasse e Jean Houssaye – participam desta Revista, ocupando a seção Elos com o texto “Rencontres scientifiques, rencontres affectifs: partenariats, amitiés et d'autres bonnes affaires” (Encontros científicos, encontros afetivos: amizades, parcerias e outras coisas boas).

Selecionando, primeiramente, os temas que nos pareciam os mais significativos na trajetória de Nilda Alves, *professoramilitantepesquisadora*, e pensando em *colegasparceirosamigos* que pudessem dar conta das tantas redes educativas nas quais Nilda atua e as quais estuda, compusemos uma rede de artigos que integram este número especial, solicitando a colegas, ex-alunos e amigos contribuições para a Revista. A cada um encomendamos um texto que tratasse da contribuição de Nilda aos temas; do ponto de vista dos autores, os temas selecionados foram: Nilda e o cotidiano, Nilda e a formação docente, Nilda e as redes, Nilda e as imagens, Nilda e as narrativas, Nilda e as tecnologias, Nilda e as questões raciais, Nilda e a avaliação, entendendo que cada um desses temas integra o seu campo privilegiado de atuação, o do currículo. Para Nilda, pesquisar no campo do currículo pressupõe e exige toda essa variedade de temas. Assim sendo, sem muita disciplina, mas com a dedicação e competência que lhes caracteriza, os autores convidados – a quem agradecemos pelo aceite – produziram os oito artigos que compõem este número especial da Revista Teias.

Abrindo a revista, está o texto de Carlos Eduardo Ferraço, professor da Ufes, ex-aluno de mestrado de Nilda e um dos principais pesquisadores com os cotidianos do cenário educacional brasileiro, um “Texto-bibliografia-homenagem: ou sobre redes de afetos tecidas no decorrer de uma vida”, elaborado com a tessitura dos títulos de algumas de suas obras, a partir de 1984, quando ele a conheceu, em sua entrevista para o ingresso no curso de mestrado em Educação da Universidade Federal Fluminense (RJ). Passados vinte e oito anos, Ferraço tece, pela memória que se inventa, alguns fios dos acontecimentos vividos desde aquele momento e, no decorrer da escrita, percebe-se agenciado por um sentimento de afeto, que moveu toda uma vida de leituras e encontros com sua obra e com sua presença marcante. Defende que a potência das memórias não reside na vã tentativa de voltar no tempo, de resgatar o passado, mas, ao contrário, na força que nos move a seguir sempre em frente e em meio às incertezas e alegrias da vida de cada dia, sempre desafiando-nos a produzir outras leituras desses *mundosvidas* que possam inventar, a cada nova etapa de nossa trajetória acadêmica.

Alexandra Garcia, a mais jovem pesquisadora que integra este número, ex-bolsista de Iniciação Científica de Nilda e Secretária Executiva da Anped no período em que Nilda a presidiu, hoje professora adjunta do Iear/UFF (Instituto de Educação de Angra dos Reis, da Universidade Federal Fluminense), estabelece um profícuo e esclarecedor diálogo com a produção de Nilda no

campo da formação docente no texto “*Sentirpensarfazer: Nilda Alves e a formação de professores*”. Entendendo a formação docente como espaço de embates políticos, culturais e epistemológicos, a autora defende a ideia de que esta constitui tanto uma discussão voltada para o próprio campo em diversos temas, como tem por uma de suas mais importantes funções a luta pela educação básica, pública e de qualidade. Argumenta que as contribuições de Nilda Alves trazem fôlego e inspiração para lutar pela formação e por seus debates na medida em que suas contribuições ampliam as discussões com articulações que refletem percepções acerca dos currículos, dos processos formativos e da multiplicidade do *fazerpensar* daqueles envolvidos com a formação. Aborda aspectos de sua trajetória nas pesquisas e na luta pela formação de professores que pareceram marcantes nos debates produzidos com os processos e movimentos que constituem a formação docente.

Marcos Reigota, professor titular da Universidade de Sorocaba – que assegura a quem lhe pergunte que Nilda é a pessoa responsável por sua permanência na área de educação, que ele pretendia abandonar quando foi seu aluno no mestrado da UFF, no verão de 1983 – traz no seu texto: “Houve uma vez um verão: Releituras com a noção de rede de conhecimentos de Nilda Alves” uma narrativa em torno do contexto cultural, político e acadêmico no seio do qual Nilda Alves elabora e torna pública a noção de rede de conhecimentos. A partir de suas experiências pedagógicas, políticas e culturais durante a ditadura militar em São Paulo antes do primeiro encontro com Nilda enfatiza as bases teóricas que ela utiliza a partir do final dos anos 1990, assim como o seu empenho e compromisso político em tornar o cotidiano escolar um dos temas fundamentais das pesquisas e dos debates contemporâneos sobre educação.

Sem ter sido aluno de Nilda, Antônio Carlos Amorim, professor livre-docente da Unicamp, cujo grupo de pesquisa está associado ao Laboratório Educação e Imagem, coordenado por Nilda, fala-nos das “Imagens para Nilda Alves, Nilda Alves entre imagens”. Ele esclarece que o artigo tem como intenção desejante pensar passagens, invenções e devires que intensificam as imagens em composições com palavras escritas nos textos em que Nilda Alves nos convida a ler, discutir e trabalhar na diferença, linha de afinidade para a aprendizagem. Procurando encontrar o entre Nilda Alves e as imagens numa conversação com dois livros, presentes que me chegaram pelas suas mãos e expressaram um convite ao diálogo, o artigo diagrama uma paisagem, e abre-se às potências de habitá-la.

Elizeu Clementino de Souza, da Uneb, escreve sobre “Outras formas de dizer: diálogos sobre pesquisa narrativa em/com Nilda Alves”, sistematizando questões sobre marcas pessoais da constituição da pesquisadora Nilda Alves e de suas contribuições para o campo do currículo, das

pesquisas nos/dos/com o cotidiano escolar e de alguns modos de dizer sobre investigação narrativa e como ela a tem utilizado, em alguns de seus trabalhos de pesquisa-formação. Recupera alguns percursos pessoais e profissionais da pesquisadora, em vinculação com princípios da pesquisa narrativa, ao destacar dimensões de sua trajetória de formação, inserção profissional, trabalhos nos grupos de pesquisa, publicações e formação de recursos humanos na graduação e pós-graduação brasileira. Implicações pessoais e profissionais são cruzadas com aspectos teóricos sobre pesquisa narrativa, na vertente das experiências educativas.

Valter Filé, ex-mestrando e ex-doutorando de Nilda, atualmente professor na Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, traz na sua contribuição: “Sobre encontros e conexões de histórias como formação” um texto que pretende oferecer-se como a narrativa de alguns acontecimentos que dizem respeito à formação do autor. Pretende oferecer vestígios de como ele foi fazendo algumas das conexões possíveis entre as diferentes e complexas histórias – contadas e “ouvidas” – entre diferentes e complexos personagens. Fala de um período específico e importante de sua vida: o momento de retorno ao mundo acadêmico, a entrada no mestrado em educação. Trata-se de uma narrativa que coloca ênfase num encontro decisivo para a sua formação: o encontro com a professora Nilda Alves. Também de modo autobiográfico, Mailsa Carla Passos, ex-mestranda e Nilda e hoje colega de linha de pesquisa no Proped/Uerj, nos fala “Da arte de iluminar em rede: uma narrativa sobre coisas que a gente aprende com uma amiga sobre pesquisa e sobre nós mesmos” num artigo que consiste em uma homenagem acadêmica desenvolvida em forma de narrativa sobre aquilo que a autora aprendeu com uma amiga, trabalhando junto, nas/com as relações de respeito e admiração estabelecidas. A autora parte da representação de intelectual elaborada por Edward Said, para discorrer sobre as diversas faces de uma educadora comprometida com o pensar, com o fazer, com o cotidiano que é como ela percebe Nilda Alves.

O último artigo dessa Revista-Homenagem, de Maria Teresa Esteban, ex-aluna e colega da UFF, estudiosa do campo da avaliação, “Nossas redes, nossas tranças, nossos trançados...” dialoga com questões trazidas por Nilda Alves que têm sido significativas para o debate no campo da educação, em especial no que se refere a currículo, formação docente, avaliação e pesquisa. O fio articulador do trabalho é a noção de conhecimento em rede e suas implicações para o saber e o fazer no cotidiano escolar. A reflexão incide sobre a relação entre prática e teoria e sobre os espaços e os tempos de produção do conhecimento.

Lembrando aos nossos possíveis leitores que os neologismos do uso de pares de palavras juntando-as em uma única também é obra da professora Nilda Alves, que começou a fazer isso ao perceber o quanto não era possível contemplar os modos como pensávamos e tecíamos

conhecimentos em rede por meio de palavras que separavam aquilo que compreendemos estar junto, convido-os a passear por essa Revista, flanando, dialogando com ela, enredando-se àquilo que ela apresenta, acreditando ser essa uma boa maneira de conhecer um pouco melhor a *professorapesquisadora* que Nilda Alves é, a importância daquilo que vem fazendo pelo campo da educação e, talvez, como nós, homenageá-la e agradecer a ela por tudo isso.

Inês Barbosa de Oliveira (UERJ)